

**Resumo:** *Um tema bíblico, ilustrado por uma parábola, tem relevância em todas as épocas quando se trata de um assunto sempre atual, pois desperta interesse na busca de uma solução de problemas espinhosos na área da moral econômica e da ética social. A aplicação da parábola aos fiéis é uma abordagem moderna do ensinamento cristão. Esse enfoque passa de uma visão doutrinal para o estudo do impacto sobre a vida moral. Por fim, segue uma perspectiva inspiradora sobre a motivação espiritual, explicando a dialética entre as coisas grandes e pequenas na vivência da vida cristã.*

**Abstract:** *A biblical theme illustrated by a parable is relevant at all times when it deals with a pertinent subject of the past and stirs up interest in our days. The more so the parable gives rise to a great variety of conjectural explanations as regards the solution to uneasy questions in the area of moral tenets in economy and social ethics. From the descriptive details the study passes on to the application of the parable. The following sections focus on the impact on the moral aspect of business administration and the spiritual motivation in order to use one's personal talents to render a greater service for the benefit of the community both in small and great affairs.*

## **Desequilíbrios no sistema econômico: A parábola do administrador (Lc 16,1-13)**

*L. Stadelmann, SJ\**

---

\* O autor, Doutor em Língua e Literatura Semítica, Cincinnati, e Mestre em Ciências Bíblicas, Roma, é Professor no ITESC.



## Introdução

A Campanha de Fraternidade Ecumênica de 2010 se ocupa com o tema central “Economia e Vida”, aqui ilustrada com um ensinamento bíblico, apropriado para os novos tempos. Queremos lembrar, porém, que poderíamos mencionar vários paradigmas que remetem à inspiração bíblica, servindo até de fundamentação das mais diversas ideologias, como, p.ex. “Teologia da Prosperidade”<sup>1</sup>, em oposição à “Teologia da Pobreza”<sup>2</sup>, como é denegrada a “Teologia da Libertação”<sup>3</sup>. Não é de admirar que temas bíblicos sejam citados para discussões de assuntos candentes da atualidade, porque estão inter-relacionados com preocupações, debatidas entre os povos, quando buscam a Palavra de Deus para orientação e solução da problemática. São lembretes de temas referentes à vida e seu sustento. Entretanto, os problemas que surgiram na vida humana não se originaram da atividade pastoril, embora fosse um dos recursos mais antigos para sustentar as famílias, mas do trabalho agrícola com rendimento muito superior e mais proveitoso à subsistência da população urbana e rural, mais numerosa que a dos nômades. Envolvia também mão-de-obra mais qualificada na época do plantio, da colheita e armazenagem, do que na vida agreste do pastoreio de rebanhos. As dificuldades, porém, não se restringiam apenas a uma dessas etapas da atividade agrícola, mas se localizava, sobretudo, na *administração* da pequena empresa.

Para fins de ilustração de um dos setores da economia da civilização antiga, podemos recorrer às situações de diversos povos e fazer uma comparação com um dos estágios da evolução até a situação atual. Será válida uma comparação, se contribuir para o conhecimento da técnica de produção e para o desenvolvimento demográfico. Quanto a fatores negativos, causados pelo ecossistema ou pela cultura tecnológica, podemos aprender das experiências do passado para prevenir e remediar políticas

<sup>1</sup> L. Campos, *Teatro, templo e mercado; organização e marketing de um empreendimento pentecostal*, Petrópolis, São Paulo, Vozes / UNESP, 1999; Brenda Carranza, “O Brasil, fundamentalista?”, na revista *Encontros Teológicos*, Ano 24, Nº 52, Fasc. 1, 2009, 147-166.

<sup>2</sup> G. Kepel, *A revanche de Deus: cristãos, judeus e muçulmanos na reconquista do mundo*, São Paulo, Siciliano 1991.

<sup>3</sup> “Teologia da Libertação”: escola importante na teologia da Igreja Católica, desenvolvida depois do Concílio Vaticano II. Surgiu na América Latina, a partir da opção pelos pobres, e se espalhou por todo o mundo. O teólogo peruano Gustavo Gutierrez é um dos primeiros que propôs essa teologia. A teologia da libertação teve um impacto decisivo em muitos países do mundo.



econômicas que têm que se adaptar às novas situações da conjuntura atual. Nosso interesse, porém, não se reduz meramente ao conhecimento das praxes administrativas, mas busca a relevância da Palavra de Deus com sua implicação no tema em pauta. Citemos a parábola do administrador, no Evangelho de S. Lucas:

## A parábola do administrador

*<sup>1</sup>Um homem rico tinha um administrador que foi acusado de esbanjar os seus bens. <sup>2</sup>Ele o chamou e lhe disse: “Que ouço dizer a teu respeito? Presta contas da tua administração, pois já não podes mais administrar meus bens”. <sup>3</sup>O administrador, então, começou a refletir: “Meu senhor vai me tirar a administração. Que vou fazer? Para cavar não tenho força; de mendigar tenho vergonha. <sup>4</sup>Ah! Já sei o que fazer, para que alguém me receba em sua casa quando eu for afastado da administração”.*

*<sup>5</sup>Então chamou cada um dos que estavam devendo ao seu senhor. E perguntou ao primeiro: “Quanto deves ao meu senhor?” <sup>6</sup>Ele respondeu: “Cem barris de óleo!” O administrador disse: “Pega a tua conta, senta-te depressa, e escreve: cinquenta!” <sup>7</sup>Depois perguntou a outro: “E tu, quanto deves?” Ele respondeu: “Cem sacas de trigo”. O administrador disse: “Pega tua conta e escreve: oitenta”.*

*<sup>8</sup>O senhor elogiou o administrador desonesto, porque agiu com esperteza. De fato, os filhos deste mundo são mais espertos em seus negócios do que os filhos da luz. <sup>9</sup>Eu vos digo: usai o ‘Dinheiro’, embora iníquo, a fim de fazer amigos, para que, quando acabar, vos recebam nas moradas eternas.*

*<sup>10</sup>Quem é fiel nas pequenas coisas será fiel também nas grandes, e quem é injusto nas pequenas será injusto também nas grandes. <sup>11</sup>Por isso, se não sois fiéis no uso do ‘Dinheiro iníquo’, quem vos confiará o verdadeiro bem? <sup>12</sup>E se não sois fiéis no que é dos outros, quem vos dará aquilo que é vosso?” (Lc 16,1-12).*

## Administração como ciência e como prática

A ciência da Administração de Empresas estuda as atividades de um empreendimento com o objetivo de alcançar seus propósitos de modo racional. Na prática, é a aplicação, em determinada organização empresarial, das normas que devem garantir a consecução de seus objetivos. Nesse sentido pode ser privada ou pública, conforme se trate de administrar uma empresa privada ou um órgão do Poder Público.



Tanto a empresa privada como a pública nunca podem perder de vista, entretanto, sua missão essencial de ser, primariamente, uma prestação de serviço à comunidade. Esse caráter de serviço se funda inclusive no fato de cada indivíduo ser membro de uma comunidade, que lhe dá o aval de cidadania na sociedade. Caindo a estrutura da comunidade, sobra a anarquia onde impera a lei do mais forte e o domínio econômico de monopólios do setor privado<sup>4</sup>.

O assunto em questão é a administração da empresa que, na Antiguidade, como também na época atual, faz parte do contrato de trabalho nos termos da legislação vigente. Fica a critério do leitor caso alargar a visão sobre o inter-relacionamento de diversas áreas econômicas, tais como os mecanismos financeiros, produtivos e comerciais, ou ainda, a política tributária e os serviços de crédito, participação nos lucros e aumento salarial entre os funcionários mais graduados etc. Nesse ponto convém analisar a observação do evangelista ao acrescentar as observações de Cristo sobre o papel da administração da empresa (Lc 16, 8-12). Começando com palavras de elogio do patrão pela hábil manobra de seu funcionário (v. 8) e aplicando sua esperteza em consolidar laços solidários com a comunidade (v. 9). Porém, o prejuízo causado ao patrão fica por conta da omissão no controle periódico dos setores e de seus encarregados, ou da falha no sistema de auditoria.

Neste ponto, devemos perguntar se a prática da administração está comprometida com a conjuntura de um país, ou se está isenta das condições em que os habitantes têm de viver. Distinguímos, portanto, entre a administração de empresas em tempo de crise, e em situação de garantia à vida humana, sem risco de desequilíbrios no sistema econômico. É inevitável a prática da *coonestação*<sup>5</sup>, como defesa contra a política econômica de caráter espoliativo do Estado, dificultando a sobrevivência de determinados setores econômicos. Bem diferente da fraude fiscal é o caso da *simulação*, que consiste em buscar solução alternativa, legalmente admitida, em que a oneração impositiva é menor.

<sup>4</sup> É necessário distinguir entre vários tipos de monopólios, haja vista o caso da exploração de petróleo e de minerais estratégicos, que são monopólios considerados indispensáveis por motivos de segurança nacional.

<sup>5</sup> “Coonestação” é a ocultação de uma parte da tributação, para evitar o pagamento dos impostos correspondentes, como defesa contra a política econômica espoliativa do Estado. Pode ser eticamente negativo, ou então pode ser neutro quando se justifica como compensação pelo valor do trabalho pessoal, não computado.



Qual poderia ser o critério do desconto de 50% na conta do primeiro devedor e de 20% na do segundo? A resposta poderia ser a taxa sobre os serviços pessoais, seu “*know-how*”, isto é, os conhecimentos técnicos, culturais e administrativos. Entretanto, o valor da taxa não é fixo, dependendo da situação em tempo de crise, e em condições normais. Além disso, o administrador estaria cobrando ao patrão pelo esforço de buscar alternativas de venda do produto na exportação (óleo) e no comércio local (trigo). Dessarte, a fraude poderia ser de caráter fiscal e não patrimonial.

Voltando ao caso da ocultação, pode-se admitir a justificativa de diminuir as quantidades declaradas numa proporção que se ajuste ao uso em determinado setor econômico de um país. Essa posição costuma basear-se na convicção de que a ocultação é fato generalizado, e que existe certa tolerância ou conivência do Estado a respeito disso<sup>6</sup>. Um caso típico é a contribuição excessiva de setores de serviço, tanto assim que, na declaração do imposto de renda, o valor da arrecadação costuma ser bem inferior<sup>7</sup>.

### Aplicação da parábola à atuação dos fiéis

O contraste entre dois grupos de funcionários tem os seguintes termos em comum: a administração, setor de serviços profissionais, contrato de trabalho, dependência do patrão, esperteza para vantagens financeiras pessoais. Uma cena sugestiva precisa de protagonistas. Na época, os historiadores estavam familiarizados com as tendências de populações heterogêneas quanto às ideologias, convicções, e preocupações polêmicas. Veio o cristianismo impondo-se como religião sem utilizar controvérsia, mas introduzindo uma *inovação* na motivação dos fiéis. Para ilustrar a temática em questão se traça um quadro típico com personagens estereotipadas, que representam dois aspectos divergentes: “filhos da luz” (*b<sup>e</sup>nê ha’ôr*) e “filhos deste mundo” (*b<sup>e</sup>nê ha’ôlam hazzeh*) ou “os filhos das trevas” (*b<sup>e</sup>nê hahôšek*), como se costumavam

<sup>6</sup> I. Camacho – R. Rincón – G. Higuera, *Práxis Cristã* III, “Opção pela justiça e pela liberdade”, (trd. A. Cunha e B. Brod), Ed. Paulinas, S. Paulo, 1988, p. 301.

<sup>7</sup> Uma questão delicada e complexa é a contribuição excessiva no imposto de renda concernente às oficinas mecânicas no Brasil. A justificativa da oneração tributária exigida pelo Estado baseia-se na hipótese de haver sonegação. Em vista disso, os proprietários recolhem unicamente a quantia registrada nos recibos, para cobrir os impostos correspondentes à folha de pagamento, cobrando ao freguês, sem nota fiscal, pelos serviços prestados.



mencionar nos respectivos ambientes religiosos, isto é, os cristãos e os sectários de Qumrân<sup>8</sup>. São expressões elípticas referentes aos fiéis que se deixam guiar pela luz divina que inspira suas motivações conscientes e inconscientes, instintivas e volitivas, racionais e afetivas. A designação desses como “filhos deste mundo” é usada na Bíblia como expressão idiomática para indicar uma relação estreita entre pessoas de interesses afins, como p.ex. “filho do diabo” (At 13,10); membros de uma irmandade: “filho de profetas” (Am 7,14); descendência de linhagem “filho de Davi” (Mt 12,23); grau de parentesco “filho do carpinteiro” (Mt 13,55). O Evangelista S. Lucas não intenciona ressaltar uma separação social entre dois grupos antagônicos, mas contrastar duas motivações opostas: a mundana, dos “filhos deste mundo”, e a sobrenatural, dos “filhos da luz”. O que interessa é assinalar uma inovação, isto é, aplicar a motivação de uns para apresentá-la como nova dimensão e compatível com outra finalidade. Em outras palavras, a esperteza do administrador dos bens terrenos deveria servir de paradigma para promover os bens sobrenaturais. A ênfase está na habilidade, usando a esperteza para neutralizar e superar a indolência e o desleixo, não havendo outro incentivo na ausência de atrativos, gratificações e a satisfação pessoal.

Um traço essencial e permanente marca a atitude do cristão no desempenho da administração dos bens terrenos e sobrenaturais: é um conjunto de virtudes incluindo a integridade, honestidade e responsabilidade. A começar, trata-se de um patrimônio pertencente a Deus ou ao patrão, que é entregue às mãos humanas para ser administrado de acordo com a capacidade dos talentos concedidos a cada indivíduo (Mt 25,14-30). Além disso, está implícita aí, também, uma exigência adicional, ao mencionar-se o fato de que o valor da vida não se reduz à vivência da fé e do amor, mas exige que se produzam frutos constantemente. Daí, quaisquer que sejam nossas limitações, temos que fazer frutificar os talentos que Deus nos deu, esforçando-nos em manter nossa vida e nossas comunidades em constante vitalidade.

O objetivo da criação dos seres humanos pode ser comparado a uma transação no mercado financeiro: cada indivíduo representa capital de investimento e, não, capital de risco. O que o Criador tem em vista é produção e não mera subsistência. Na verdade, nossos talentos são

<sup>8</sup> Em Qumrân recomendava-se uma separação entre os “filhos da luz”, i.e. os sectários de Qumrân e os outros, os “filhos deste mundo” ou “das trevas” (cf. sQs I,9); CD XX,34); em F. García Martínez, *Textos de Qumran*, (trd. V. da Silva), Ed. Vozes, Petrópolis, 1995.



diferentes, mas todos nós somos de grande apreço diante de Deus: diante d'Ele cada indivíduo é como se fosse único e insubstituível. O que conta, na Igreja e no mundo, é colocar em comum nossos dons, nossas qualidades, diferentes, mas complementares, sem espírito de rivalidade ou de inveja. Ao contrário da mentalidade do nosso tempo, onde só contam os rentáveis, o importante, diante de Deus, não é propriamente o alto nível de rentabilidade ou a superação das aberrações da práxis, mas o esforço de quem quer doar-se aos outros, disposto a fazer de sua vida uma oferta a Deus e ao próximo.

A diversidade de dons recebidos do Criador não restringe nem diminui o valor da pessoa. Quer se tenha recebido dois ou cinco talentos, pouco importa! A recompensa a ser concedida é a mesma para todos. Cristo promete uma recompensa que ultrapassa todas as expectativas de generosidade e benevolência divina: “*Vem participar da alegria do teu Senhor!*” Aos olhos de Deus, a vida humana plenamente preenchida tem a mesma cotação, o mesmo valor. E mesmo, paradoxalmente, rico é somente aquele a quem foi dado em partilha, a quem foi concedido um dom. É este o sentido da palavra surpreendente do Mestre: “*A todo aquele que tem será dado mais*” (Mt 25,29).

## O impacto sobre a vida moral

A reflexão moral sobre o valor intrínseco do uso e troca dos bens e serviços, leva em consideração também os meios de adquiri-los. Se os bens foram adquiridos por meios fraudulentos, terão que ser restituídos ao proprietário. Esses bens são contabilizados como “riqueza da iniquidade” (μαμωνα της αδικιας, *mamona tes adikias*)<sup>9</sup>. A palavra aramaica é usada de propósito como termo mnemotécnico que ocorre na literatura rabínica tratando da restituição da fortuna ao legítimo dono<sup>10</sup>. O Evangelista S. Lucas traz um ensinamento de Cristo sobre uma alternativa de restituição em forma de contribuição às obras de caridade. O motivo é a solidariedade pelos pobres, pequenos, enfermos, os que carecem da razão de viver e de esperar por um milagre. Esses são os que intercedem junto a Deus pelos benfeitores para que sejam “acolhidos nas moradas eternas”

<sup>9</sup> O termo “*mamona*” ocorre em documentos essênios de Qumrân, (IQS VI, 24; CD 14,20; IQ 27,1;2;5) e judaicos contemporâneos do evangelho (Sir 34,8), e em documentos rabínicos.

<sup>10</sup> Cf. Rinaldo Fabris, “O Evangelho de Lucas”, *Os Evangelhos II*, Ed. Loyola, São Paulo, 1-247, esp. p. 166-167.



(Lc 16,9). É esse um dos motivos que levou o patrão lesado a elogiar a habilidade contábil do administrador. Entre os fatores de deterioração do moderno setor administrativo, referente às transações financeiras, é praxe citarem-se as operações fraudulentas dos contabilistas e a fuga de capital para paraísos fiscais<sup>11</sup>.

A pecha de culpa moral tem um impacto sobre o foro interno da consciência. Aqui incide não somente a revisão da culpabilidade pessoal, mas também a experiência da presença de Deus. Lembremos que não se trata de um procedimento teórico, opondo duas instâncias: moral e religiosa. No Evangelho há o imperativo categórico: “*Não podeis servir a Deus e ao dinheiro*” (Lc 16,13). É de notar, que “dinheiro” é definido aqui como *mamona* (μαμωνα της αδικιας), como já foi dito acima . Com isso, abre-se uma nova dimensão à atitude moral dos fraudadores na área administrativa. É que a consciência humana tem igualmente a função de confirmar a proximidade de Deus, dentro do coração humano. Entretanto, insistimos de modo especial que se trata de conhecer a presença de Deus e, não meramente, a idéia da existência de Deus. À luz do conhecimento soteriológico, segundo o método da teologia, se desvenda a dimensão da salvação divina. Na carta aos Romanos se afirma: “*A ira de Deus revela-se, lá do céu, contra toda impiedade e injustiça humana, daqueles que, por sua injustiça, reprimem a verdade*” (Rm 1,18). Ora, a “ira de Deus” é linguagem figurada para falar do pecado como ofensa a Deus, visualizando sua reação contra o pecado do homem, como reflexo de desaprovação no rosto irado de Deus. Para fins de contraste, no polo oposto, convém mencionar que o perdão tem o reflexo de um *semblante amigo* que irradia luz sobre a consciência do justo. É importante notar que, para conhecer a Deus, não basta ter a idéia de um Deus distante; a voz da consciência manifesta Deus presente, pois Deus não se manifesta à distância, embora Ele esteja em todo lugar. Entretanto, essa presença de Deus, em todo lugar, parece-nos vaga e difusa. Para Deus manifestar-se ao homem é preciso que atue sobre as nossas faculdades superiores (inteligência e vontade). Entretanto, através da Teodicéia não se alcança o critério da presença de Deus, mas o da idéia sobre Deus. A visualização de

<sup>11</sup> Critérios de seleção entre candidatos para o setor da administração. Para fins de demonstração segue uma narração pitoresca e levemente satírica. Na entrevista dos candidatos foi-lhes perguntado qual é o pré-requisito básico? Respondeu o primeiro: conhecer todas as leis da administração pública e privada. O segundo respondeu: conhecer todos os subterfúgios que se possam usar na contabilidade. Respondeu o terceiro, perguntando: O que o patrão quer que conste nos livros de contabilidade? Esse foi contratado porque demonstrou esperteza.





Deus com sentimentos de ira para com o ímpio e, de amizade para com o justo, ocorre nos Salmos com a finalidade de qualificar o estado espiritual do ser humano. Dessarte, o salmista atribui a Deus um “*rosto irado*” (Sl 69,25), como reflexo da má consciência do infrator<sup>12</sup>. A conversão moral terá, por reflexo, um “*semblante amigo*” (Sl 34,16), voltando-se Deus para reconciliar consigo o pecador arrependido. São recursos sugestivos que os Salmos usam para situar a punição da impiedade no contexto da ira divina, mas colocam o infrator na presença de Deus, porque assim permanece a promessa da salvação ao pecador arrependido. Lembremos também que a amizade de Deus, para com os fiéis, não se reduz a mero sentimento, mas consiste na irradiação da benevolência de Deus, cujo reflexo se manifesta como “*luz da Sua face*” (Sl 4,7).

A questão agora é perguntar sobre a atitude do administrador na presença de Deus. Em outra parábola bíblica se fala da reação do infrator com medo de olhar a Deus. Eis o drama do servo infiel que tornou estéril sua vida, pois duvidou da bondade do semblante de Deus, a quem imaginou severo, implacável, pronto para acertar as contas, e para exigir o balancete: “*Senhor, sei que és um homem severo, pois colhes onde não plantaste e ceifas onde não semeaste. Por isso fiquei com medo e escondi o teu talento no chão*” (Mt 25,25). O talento que o servo recebeu não dá salvação por si só. O dom de Deus deve ser multiplicado pelo lucro a ser produzido. Em outras palavras, o dom da vida humana é precioso; entretanto, seu valor não consiste no fato de alguém estar vivo, mas depende da maneira como ele vive, isto é, o que faz com sua vida.

A motivação do cristão, porém, é ter diante de si o perfil de Deus como Benfeitor, cujo semblante amigo é descrito na liturgia como a “*luz de sua face*”, devido aos sinais de benevolência divina que irradiam sobre os fiéis.

Aqui vem a propósito levantar a questão da possibilidade de falar das virtudes de integridade, honestidade e responsabilidade, como requisitos de um administrador de empresas no contexto de uma sociedade secularizada, materialista, e neutra, em matéria de religião e fé em Deus. É que todas as instituições estatais e privadas que aboliram a instância da moral e da religião, suprimiram a vocação do homem para uma relação com Deus, tachando-a de mera superstição e alienação da liberdade

<sup>12</sup> Evidentemente, Deus não tem paixões de ira e cólera, porque esses são defeitos que derivam do orgulho e nascem da tríplice concupiscência que não se encontra na natureza de Deus.



humana. Daí é que cortaram pela raiz toda e qualquer fundamentação da responsabilidade do indivíduo perante Deus, inclusive um dever moral imposto por um Ser supremo na ordem sobrenatural. Resultou um individualismo exacerbado pretendendo erigir-se em instância suprema, mas infelizmente num mundo virtual.

## Coisas grandes e coisas pequenas

A fecundidade ou a valorização da vida humana não se baseia em façanhas extraordinárias ou no exercício de funções importantes, mas na fidelidade às pequenas coisas: “*Tu foste fiel na administração de pouca coisa*” diz Jesus (Mt 25,21). Na verdade, não há amor autêntico sem fidelidade ao cotidiano, em muitos pequenos gestos, como também não há pequenas coisas quando são feitas por amor.

A irradiação da trajetória terrestre do ser humano é fundamentalmente um assunto relacionado ao coração, à misericórdia, à compaixão diante dos bem-aventurados com os quais Cristo quis solidarizar-se por serem esses os que, no íntimo, têm fome de Deus (cf. o Sermão da Montanha, Mt 5,1-12).

Para falar de coisas grandes e pequenas, o evangelista S. Lucas não envereda pela axiologia, no sentido de uma escala de valores do rendimento, da concorrência, do investimento agregado. Ele insiste ao invés na opção pessoal pela fidelidade no cumprimento das “coisas grandes”, isto é, os mandamentos de Deus e da Igreja, e os deveres de estado, e das “coisas pequenas”, isto é, as obras super-rogorárias para manter o hábito de tender à perfeição.

Coisas grandes são de natureza espiritual, isto é, “bens espirituais”, tais como a graça santificante, a vocação à fé cristã, a pertença à comunidade de fé e à Igreja. Paradoxalmente em contraste com a opinião em voga, coisas pequenas são os “bens materiais”: p.ex. saúde, vitalidade, talentos pessoais, profissão, emprego. Além disso, tratando desses bens no contexto da administração, cabe ao indivíduo a tarefa de valorizá-los com vistas à prestação de contas a Deus, numa contabilidade que mede as coisas em termos de vida e de relações com a obra da criação<sup>13</sup>. Daí

<sup>13</sup> Os bens materiais e espirituais contribuem para a obra da criação, cuja finalidade é manifestar a evolução do cosmo e impedir o retorno ao caos. Compete ao homem preencher este cosmo mediante os frutos da criatividade humana, utilizando os recursos materiais e espirituais.



que o homem não pode utilizá-los a bel-prazer, mas deve perguntar a si mesmo qual é a vontade de Deus ao confiá-los a mim para serem administrados. Quem fizer assim, “bens maiores” serão confiados a ele, tais como o penhor sobrenatural, a recompensa no céu, a riqueza da graça, e os dons do Espírito Santo, os carismas.

## Conclusão

O estudo de um tema bíblico que pode iluminar, com radiações da fé cristã, as opacidades da realidade econômica de uma comunidade em vários países do mundo é, sem dúvida, muito proveitoso para várias gerações durante diversas etapas da história. Ao ressaltar, de modo especial, o enfoque sobre o tecido social, a Bíblia se concentra na vida da *comunidade*. Nesse ponto traz uma inovação sobre os múltiplos sistemas econômicos desde o passado até hoje. É que nos grandes impérios estava em vigor quase exclusivamente o interesse nos privilégios e nas vantagens da classe dominante, no controle sobre os setores de produção de bens e de renda, em sintonia com as exigências do crescimento dos cidadãos. Porém, o problema surgiu com a invasão de levas cada vez mais crescentes de migrantes, infiltrando-se em massa, nas áreas habitadas pela população autóctone, diminuindo, cada vez mais, os poucos meios de subsistência e transferindo, para os cidadãos, os problemas das áreas de risco dos países de origem.

Um fator importante de desenvolvimento econômico é a diversificação de atividades de produção e mercado, desenvolvidas pelos grupos de apoio aos jovens da “Pastoral de Conjunto” das dioceses. É que os impulsos que provêm das Igrejas e das comunidades religiosas ou de movimentos inspirados por ideais do humanismo podem fortalecer a solidariedade mundial e contribuir para a solução dos problemas candentes de subsistência de populações carentes e subdesenvolvidas.

Uma inovação na organização pastoral das dioceses é a ajuda intereclesial no sentido da promoção de um senso de solidariedade entre as paróquias do centro com as respectivas paróquias-irmãs da periferia, na área urbana. O tipo de solidariedade se especifica em termos de assessoria em projetos de desenvolvimento, na prestação de serviços, e na execução de programas de educação permanente. Essa ajuda transcende o serviço assistencial de um grupo privilegiado praticando um gesto de caridade, porque se caracteriza como *ajuda em desenvolvimento* e *ajuda em recursos* para toda a comunidade de uma Igreja-irmã. O pedido



de assessoria é especificado comunitariamente pelos paroquianos com detalhes de suas carências e solicitando a transferência de tecnologia adequada aos padrões culturais e sociais aí existentes. A execução dos projetos e dos serviços fica por conta de um grupo de peritos com a colaboração de todos os paroquianos. O lema inspirador é “Deus ajuda a quem madruga”.

*Endereço do Autor:*

Colégio Catarinense  
Rua Esteves Júnior, 711  
Cx. Postal 135  
CEP 88015-130 Florianópolis, SC  
E-mail: [lstadelmann@hotmail.com](mailto:lstadelmann@hotmail.com)